

«O GERAR DE UM “EU” NOVO»

Apontamentos de um diálogo com um grupo de alunos durante a Equipe do Clu, os universitários de CL, sobre o tema “Por estes factos saberão que eu sou o Senhor” (Corvara, 30 de agosto de 2018)

Julián Carrón. «Por estes factos saberão que eu sou o Senhor» (cf. *Ex* 10,2). Era este o título das férias. Mas, como nos dissemos, a condição para surpreender os factos a partir dos quais podemos saber que Ele é o Senhor é uma afetividade, no sentido em que fala Dom Giussani, quando nos conta sobre aquele jovem que, andando pelo caminho que de uma aldeia de Val Gardena sobe ao monte Pana, continuava a olhar para o chão e a apanhar uma pedra aqui, uma pedra ali. Pouco depois, Giussani percebe: tratava-se de fósseis. Aquele homem era um cientista, completamente empenhado na descoberta dos fósseis e por isso se apercebia da sua presença. Ele não inventava os fósseis, os fósseis existiam, mas sem aquela tensão, aquele interesse, aquele tipo de curiosidade, Dom Giussani, apesar de ter feito aquele caminho tantas vezes, nunca tinha sido capaz de os ver. Só uma afetividade por uma verdade da realidade é que torna perspicaz o nosso olhar para as coisas. Agora, tendo em vista este momento, tínhamos preparado algumas perguntas como ordem do dia: naquilo que vivemos este verão (as férias, os gestos, o Meeting de Rimini, a peregrinação a Roma ao Papa, o tempo livre), aconteceram factos que geraram em nós um espanto que envolveu a totalidade do nosso eu, impelindo-nos a reconhecer Cristo, a pronunciar o seu nome? Quando é que nos surpreendemos a reconhecê-l’O? O que é que se revelou capaz de regenerar a nossa vida?

Matteo. *Depois de tudo aquilo que aconteceu este verão, posso dizer com mais certeza uma coisa: responder ao que o movimento me propõe é conveniente para a minha vida porque, como dizias agora, a regenera. Vou tentar dizer como, contando aquilo que me aconteceu ao participar em dois gestos. Nas férias da comunidade alguns de nós propuseram uma orientação para ouvir Rachmaninov. Foi uma hora de música lindíssima, em que ficou marcada em mim uma coisa: o rosto da sua música era fruto da pertença à história do povo russo, tanto assim que quando emigrou para os Estados Unidos praticamente deixou de compor. Este ponto fulminou-me; pensei logo: mas será que eu tenho um “povo russo”? O que é que me dá consistência? A resposta foi simples: o meu “povo russo” é a Igreja, que chega até mim através desta companhia. Quem seria eu se me desligasse deste laço? “Quem sou eu”, agora, passa por esta pertença. Foi uma sensação vertiginosa, como que a dizer: neste encontro está suspensa toda a minha vida. Não digo isto como se dependesse de um facto associativo, de uma organização, ainda que bonita, em que uma pessoa tem os seus amigos e por isso está um pouco menos vazio do que as outras pessoas. Não, dei-me conta de que pertencendo a esta história eu pertença a Cristo, ou seja, àquela Presença que continuo a encontrar na unidade com aqueles que crêem n’Ele: concretamente eu sou de CL, é verdade, mas numa forma muito mais profunda eu sou Seu. Dei-me melhor conta disto em Roma, participando na vigília proposta pelo Papa. A forma de desenvolvimento do gesto podia ser mais próxima de uma ou de outra sensibilidade, mas quando o Papa pediu silêncio aconteceu a mesma estranha unidade que se viu nas férias, e surpreendeu-me novamente. Enquanto olhava para aqueles milhares de jovens à minha volta, pensava: «Todos eles se juntaram pela mesma razão que eu», e acrescentava: «Tu, Senhor, és muito mais do que aquilo que eu penso de ti, do esquema em que eu te meto, das formas e dos gestos que me correspondem, és mais». Naquele momento senti-me próximo de todos eles, não devido a uma afinidade de pensamento e de linguagem, mas devido a este ponto em comum: Cristo presente. Aquilo que me regenerou foi reconhecê-l’O, descobrir que da Sua presença está suspensa toda a minha vida: Deus chegou até mim através dum sinal humano, porém foi Ele que me alcançou. Um pequeno sintoma de tudo o que foi dito foi este: comecei a estar bem em qualquer lugar, com qualquer pessoa, não num sentido banal; nos dias seguintes, dava-me conta de que para estar em paz não era indispensável um determinado ambiente ou determinados rostos; começava os dias desejando que tudo fosse instrumento deste laço, da relação com Cristo. O mês de agosto foi muito bonito. A alternativa era simples: quando procurava*

ligar menos a esta relação, vinham ao de cima o medo, a incerteza, sobretudo em relação ao futuro; quando entrava nas circunstâncias procurando-O, descobria que a amizade com Ele, só por si, era capaz de preencher a vida.

Carrón. Qual é a diferença entre “pertença”, tal como tua a estás a descrever, e “associação”? Muitas vezes podemos reduzir-nos a viver a nossa amizade como associação. O que é que cresceu em ti? Só quando se vive uma sobreabundância, de facto, é que nos apercebemos quando falta alguma coisa. Qual é a diferença de que tu te dás conta na tua vida entre pertença e associação? Qual é o sinal disso?

Matteo. *O sinal é aquilo que aconteceu depois, quando estava em casa com os meus pais e as minhas irmãs. E dei-me conta da diferença devido ao facto que a pertença gera em mim.*

Carrón. A pertença de que estamos a falar gera um sujeito novo. Uma participação associativa não é capaz de o fazer.

Matteo. *A consequência é que tudo começa a falar.*

Carrón. Que a realidade comece a falar significa que a pertença a Cristo nos volta a dar a vida, as relações, volta a dar-nos tudo, multiplicado infinitamente, «cem vezes mais». A pertença ao movimento não faz aparecer as montanhas, não faz aparecer as relações, mas faz-me dar-me conta das montanhas, faz-me dar-me conta das relações de uma outra maneira: ainda que antes tudo estivesse ali, mas não me falava, como os fósseis de Dom Giussani. Só quando uma pessoa pertence Àquele que a faz, quando a Sua presença entra na sua vida, é que se dá conta até ao fundo da realidade: aquilo que acontece começa a tornar-se de tal forma significativo que é como se fosse uma outra vida, uma vida “mais vida”. A partir desta experiência, uma pessoa é levada a dizer: «Mas então eu não pertenço a CL como se pertence a uma associação; pertencendo a CL, eu pertenço Àquele que regenera a minha vida deste modo, eu sou Seu». É muito bonito, porque é uma descoberta que vocês começam a fazer das entranhas da vossa vivência. Eu poderia ter-te feito uma bonita lição para dizer que tu és Seu, mas não teria servido para te fazer chegar aonde estás agora, a uma descoberta tua. Aquilo que me espanta é que, respondendo àquilo que o movimento te propõe, vês surgir das entranhas da tua vivência, como descoberta tua, aquilo de que falamos. É a geração de um eu novo. A participação numa “associação” não é capaz de produzir no sujeito uma novidade que tenha reflexo em qualquer situação da vida. Muitos vão à montanha, e gozam com isso, mas quando regressam ao rame-rame quotidiano ou à família, ou às relações, estão sempre a sonhar em voltar para a montanha, porque neles nada mudou. É esta, pelo contrário, a experiência de que falamos: pertencendo a um lugar histórico, concreto, é toda a vida que nos volta a ser dada, com uma força nos surpreende, antes de mais, a nós mesmos.

Chiara. *Conto três factos por ordem cronológica. O primeiro tem a ver com a preparação das férias. Trabalhando juntamente com os outros, dei por mim a dizer: «Desejo que as férias e tudo aquilo que vamos fazer seja um instrumento para que o nosso olhar seja educado a não se deter tanto na nossa bem conhecida miséria quanto sobre aquilo que Ele faz para me conquistar, como um apaixonado com a sua amada». Conto o facto em que vi delinear-se este desejo que me plasmou aos poucos. Tinha sido um dia difícil, não tinha conseguido preparar-me para um jantar que íamos ter por causa de um gesto das férias (a apresentação de um livro), portanto sentia-me um pouco vazia. Escrevo à amiga a quem tinha pedido para se responsabilizar pelo gesto que não iria ao jantar porque não estava pronta. «Está bem», responde-me, acrescentando: «Obrigada por aquilo que me pediste para fazer, porque é mesmo aquilo de que preciso agora». A sua resposta feriu-me: olhei-me e apercebi-me de que naquele momento eu não tinha a sua posição, mas desejava-a. Voltei logo a escrever-lhe: «Vou». Foi um momento em que eu não decidi com a medida que continuamente me aplico, mas em que venceu o desejo de beleza, de querer estar com ela. Dei-me conta de que responder a este incansável desejo de beleza, de relação, é a forma com a qual posso deixar-me encontrar por Ele e quero continuar a fazê-lo. No segundo facto que conto, vi acontecer para mim aquilo de que se falava também primeiro, ou seja, que eu, que sou gerada, aprendo a dar crédito ao meu coração. Estava nas férias da comunidade. Durante uma assembleia, entre as*

coisas que surgiam havia a diferença entre viver respondendo ao coração ou arrastados pela emoção. Aqui aconteceu-me uma coisa interessante. Fomos dar um passeio: passei toda a manhã a tentar espantar-me, mas nada me interpelava verdadeiramente. Chega o momento do almoço, era a ocasião em que poderia estar os caloiros, mas não tinha nada para dizer, sentia-me árida. Porém, na esteira daquilo que tinha surgido na assembleia, disse: é o único momento em que posso vê-los, vou. Fui e apresentei-me: «Estou aqui para aprender com vocês aquela frescura que não tenho». Foi um momento fantástico, regenerador. Aquela circunstância permitiu-me dar um passo: o meu «sim» já não está ligado aos momentos em que estou cheia, entusiasta; Cristo, através de muitas provocações, é capaz de fazer nascer a plenitude também da minha aridez, se eu seguir. Aquela frase, que muitas vezes me aborreceu, «não esperem um milagre, mas um caminho», está a tornar-se a coisa mais bonita que eu recebi, porque me impele a estar aberta à Sua companhia em cada instante, não só quando estou preparada. Tudo isto teve frutos também em casa, não porque eu seja capaz de manter este padrão, mas porque de dou conta, cada vez mais, de quando Ele me escolhe. Prova-o um pequeno e último facto. Estava a regressar da montanha com o meu irmão (tínhamos estado nas férias das respectivas comunidades), estava cansada, estava a conduzir e pensava: «Agora, finalmente, posso desligar». Enquanto imaginava já este repouso “reduzido”, elem sem o saber, diz-me: «Chiara, nestes dias vamos ajudar-nos a não perder tempo, vamos levantar-nos a uma hora decente e talvez rezarmos juntos as Laudes». Disse-lhe logo: «Sim, obrigada!». Para mim isto não foi banal. É como se tivesse estado diante do cientista dos fósseis. Em vez de dizer: «Ah, por que é que não reparei eu nos fósseis», disse: «Que bom que ele me fez vê-los».

Carrón. Devemos preservar aquilo que é dado a cada um de nós que intervém. Não é um dado adquirido. Muitas vezes, dizia a Chiara, nós detemo-nos na nossa miséria ou na nossa medida. Quem nunca o fez? Que levante a mão! Todos o fazemos. Dar-se conta de que, em vez de nos determos na nossa própria miséria, sobre aquilo que não corre bem, sobre aquilo que não se consegue fazer e nos deprime, é mais inteligente começar a olhar para «aquilo que Ele faz para me conquistar», quer dizer descobrir um outro método. Muitas vezes pensamos que melhoramos porque analisamos a nossa miséria e tentamos superá-la, tentamos mudar. Ela descobriu que o que lhe convém, pelo contrário, é deixar-se conquistar pela iniciativa de uma Presença, ainda que inicialmente, como aconteceu com o jantar, não lhe apeteça ir. Graças à conversa com a sua amiga, disse: «Vou». O que é que a muda? Como ela disse, «venceu» a forma com que Cristo aa chamava, através daquela circunstância. Nós não somos capazes de alcançar a plenitude, a mudança que desejamos. Todas as tentativas que fazemos são falíveis, só nos deprimem. Começamos a ver que existe uma outra forma, a de Jesus: «Vem comigo»; «quem me segue terá o cêntuplo». Como é que O seguimos? Trata-se apenas de responder à forma como ele nos chama. As coisas que estão a surgir, que podem parecer banais, são uma descoberta do outro mundo, contradizem e alteram em 180° a postura com que habitualmente vivemos e mudam a nossa vida. Por exemplo, dizia ela, uma pessoa ouve a palavra «espanto» e imediatamente a traduz de forma moralista: «Tentava espantar-me, produzir eu o espanto». Resultado? Nada. Assim, depois avalia-se: «Não fui capaz de me espantar». Mas o espanto não somos nós que o conseguimos provocar! Então vai almoçar com os caloiros, ainda que não tivesse vontade, estava árida, e espanta-se com aquilo que lhe contam. Uma pessoa só renasce respondendo à forma com que Cristo a chama. Tal como a chamou a ela naquela manhã, assim me chama a mim a ir a visitar uma comunidade ou a estar com vocês neste momento. Podemos ser mais ou menos ativos, não devemos preocupar-nos com isso, nem podemos produzir em nós um certo ímpeto; mas, aqui ou na Escola de comunidade, ou noutro lugar, mesmo debaixo de zero, posso sempre ir lá como um mendicante, com aquela afetividade de que falava Dom Giussani, para ver como Cristo me surpreende, me chama, com que instrumento e forma me regenera. Quanto tempo perdemos a lamentar-nos da aridez, quando pelo contrário a questão é um Outro que entra na nossa vida de um modo impensável! Nós queremos controlar tudo: dizemos «Cristo», mas no fundo reduzimos Cristo, aquilo que veio trazer-nos, a uma série de coisas a alcançar. E se confundimos o cristianismo com alguma coisa que simplesmente levanta a fasquia da ética, isso põe ainda mais em evidência que não estamos à altura. Assim acabaremos por ir embora;

diremos: «É fantástico o cristianismo, mas eu não consigo vivê-lo, a minha incapacidade é demasiado profunda». Mas foi precisamente Cristo disse: «Sem mim nada podeis fazer». Ouvir esta frase é uma libertação. É o contrário daquilo que todos dizem: «Tu safas-te, tu consegues com as tuas forças dar-te tudo aquilo que procuras». Mas quem pode verdadeiramente pensar isto? Isto não quer dizer que a plenitude de vida seja impossível. Existe uma outra possibilidade, ao alcance de todos: uma presença que vem ao nosso encontro, um acontecimento que entra na vida e a muda. Por isso quando a descobrem, começam a gozar a vida. A dificuldade é a redução do cristianismo que fazemos. Em vez de ser um acontecimento que, como contava a Chiara, pode dar-se através do seu irmão, através dos caloiros, num jantar para o qual estava convidada e ao qual não tinha vontade de ir, torna-se um conjunto de regras. Nós atiramos Cristo para fora da realidade. É como se disséssemos: «Foi-se embora, está no céu, depois da Ascensão foi-se embora e agora somos nós que temos de fazer tudo», que é o que pensa a esmagadora maioria dos cristãos: «Cristo foi-se embora, deixou-nos regras para seguir, temos de nos governar». Não, não se foi embora, está presente, através da realidade humana de que decidiu servir-se; e em vez de mudar-nos a cabeça com a teologia, faz-nos acontecer coisas através das quais podemos reconhecer a Sua presença e começar uma familiaridade com Ele. É um problema da afetividade, de pobreza de espírito, de abertura do coração, necessária para responder à modalidade imprevista com que Ele acontece na nossa vida, mesmo quando estamos na aridez mais profunda. A Ele o que é que importa? «Olhem que eu, no deserto da vossa aridez, posso começar a criar um caminho novo, não o veem?» Os profetas representaram a aridez com a imagem do deserto: «Sim, no deserto em que te encontras – diz Deus –, eu posso fazer germinar algo de novo. Não o veem?». É um desafio à razão, ao olhar, à atenção, à afetividade, a tudo. Sublinhei estas coisas porque são descobertas enormes e seria um pecado que não nos déssemos conta delas: nem que seja apenas uma delas, pode mudar a vida mais do que mil pensamentos que nos venham à cabeça. Cristo não se foi embora da história, deixando-nos sozinhos como cães, mas surpreende-nos continuamente no real, nas situações mais diferentes, não só quando estamos juntos, mas em qualquer lugar, ainda que não tenhamos as caras do costume ao nosso lado, e em qualquer lugar se torna ocasião de um bem.

Massimiliano. *Este ano, no colégio onde vivo, encontrei um rapaz que estuda comigo na Universidade Católica. Tornámo-nos amigos e eu quis convidá-lo para as férias da comunidade. Ele aceitou: «Vou para observar o movimento e para conhecer melhor quem tu és». Uma resposta que me espantou: conhecemo-nos há um ano, jantamos juntos quase todas as semanas, porém para me conhecer bem, ele sentiu necessidade de «observar o movimento». Sendo as minhas quintas férias, já sabia tudo o que íamos fazer, mas a sua presença tornou tudo novo: tentei partilhar com ele toda a semana das férias, bem como algumas dificuldades dele. No último dia, na assembleia, interveio dizendo: «Depois de ter conhecido o Max, estava com muita curiosidade em vir aqui a Cervinia para ver como era o vosso movimento e para perceber melhor a sua vontade de conhecer-me, a sua curiosidade. Encontrei-a também em muitos outros aqui. Perguntei-mesto: de onde jorra esta curiosidade que vocês têm de conhecer o outro? Vejo muitas pessoas que, aderindo ao movimento, se aproximaram da Igreja e se ligaram a uma instituição. Em que medida é que se pode cultivar a relação com Deus sem intervenção da Igreja?». Do que ele disse, impressionou-me o percurso: encontrei pessoas curiosas por mim; todas estas pessoas pertencem ao movimento; que origem tem esta curiosidade? Por fim, é mesmo necessária a Igreja? Estou a pensar naquilo que nos dizias ontem à noite: «Por que é que os habitantes da Palestina procuravam Jesus? Para acrescentar mais um peso?». Não, procuravam-no por aquilo que aconteceu ao meu amigo: um encontro com rostos, todos pertencendo a um lugar concreto, por quem se sentiu olhado com uma curiosidade forte, a ponto de perguntar: de onde vem? Na minha vida vi que só Cristo desperta aquela pergunta, só Ele desperta o eu de forma tão poderosa. Eu identifico também a resposta à pergunta sobre a Igreja no mesmo facto. Depois das férias, veio ter comigo. Pergunta-se por quê pertencer à Igreja, mas nos factos, já se encontra lá dentro. «Como poderemos permanecer na*

Igreja de Deus?», dizia ontem. E respondia: aquilo que nos permitirá permanecer na Igreja de Deus é exatamente o mesmo fenómeno que nos atraiu para ela no início.

Carrón. *Belíssimo este exemplo: é o encontro com uma humanidade curiosa, que se envolve com o outro ao ponto de querer conhecê-lo, que provoca o espanto, porque aquilo que deveria ser normal (que uma pessoa se interesse verdadeiramente pelo outro) não o é. Esta curiosidade, este interesse pelo outro espantou aquele jovem amigo ao ponto que não pôde deixar de se perguntar: de onde nasce? Aqui vemos ainda em ação aquilo que se dizia antes: a nossa pertença não é simplesmente a pertença a um clube, a uma associação, porque gera um eu que, quando entra em relação com o outro, desperta uma pergunta. Será depois ele que, vivendo, seguindo aquilo que encontrou, terá de reconhecer a resposta.*

Bernardo. *Conto três coisas que este verão chamaram a minha atenção. A primeira aconteceu nas férias da comunidade. Uma rapariga que estuda filosofia convidou o seu namorado para participar nos primeiros dois dias das férias. Ele não anda na universidade, trabalha, e não pertence ao movimento. Era a primeira vez que ia a umas férias como estas. Nos dois dias em que estive connosco participou em todos os gestos e depois teve de regressar a Milão. Só pôde ficar dois dias. Logo a seguir a ter regressado, numa mensagem para a sua namorada, escreveu: «Eu acho que nestes dois dias a nossa relação mudou». Depois acrescentou, com uma simplicidade desarmante: «Tu sabes porquê?». Uma pergunta sincera e franca. Como que a dizer: «A relação entre mim e ti, depois destes dias, é diferente. Como é possível? O que é que aconteceu para que nós, que estamos juntos há tanto tempo, tenhamos começado a tratar-nos de forma diferente?». A pergunta foi consequência de um espanto real, era expressão do ponto a que a sua razão, afetivamente empenhada com o que tinha à sua frente, tinha sido conduzida. A verdade da nossa experiência não está na nossa cabeça, mas repousa em alguma coisa que acontece e provoca uma interrogação real, em primeiro lugar em nós, e por isso continua a atrair-nos. Outra coisa significativa aconteceu na Calábria, onde passei uma semana com alguns amigos da minha faculdade depois das férias da comunidade. Veio connosco também um rapaz do segundo ano, nascido numa família do movimento, que no liceu se tinha afastado. Nestes dois anos de universidade, aos poucos, ligou-se a alguns de nós, até decidir ir às férias. Na assembleia, interveio e contou que se sentia transformado por esta amizade. Com efeito, tinha uma cara diferente, estava alegre. Na Calábria, durante os almoços e os jantares, acontecia surgirem discussões sobre temas quentes e ele, o último a chegar, tinha a posição mais correspondente com a minha. Entusiasmo do início? Euforia de um convertido? Não creio. Para mim, ele ajuizava com um acontecimento nos olhos. Uma posição diferente das outras só pode surgir em relação a alguma coisa que a pessoa está a viver. A terceira coisa foi o dia 11 de agosto em Roma com o Papa. O primeiro dado é o contentamento com que regressei a casa. O que é que me aconteceu naquelas vinte e quatro horas? Seguramente que as palavras do Papa foram preciosas, mas aquilo que me marcou vem ainda antes disso, está ligado à nossa própria ida a Roma para ouvir o Papa: o despertar às cinco, a viagem no fim-de-semana com mais trânsito do verão, o regresso a casa à noite. Mas naquele dia vinha o de cima a verdade da nossa companhia: estamos juntos para seguir alguma coisa diferente de nós. Esta substância da nossa amizade exprimia-se através daquilo que estava a acontecer: as pessoas mais diferentes – pela faculdade, hábitos, amigos – juntos em viagem só para ouvir uma pessoa. Fiz uma descoberta de método: a minha plenitude passa pelo sim a uma Pessoa que me dirige um convite, e para segui-la é suficiente envolvermo-nos numa companhia que te aceita tal como tu és e que não estaria junta se não fosse pelo destino que nos aproxima. O método é aquele «ir pescar com Jesus», de que tu nos falaste e que me parece ser tão decisivo. Como é que se verifica a validade deste método para mim? Pela correspondência ao meu coração, pela plenitude com a qual regressei a casa. O «ir pescar com Ele» é aquilo que hoje me ajuda mais a viver, e esta posição está a introduzir-se na minha luta de todos os dias. Os dias são marcados muitas vezes pelo cansaço; certas questões, com efeito, com o tempo tornaram-se mais pungentes e obrigam-me a tomar posição. Ainda assim, tenho de reconhecer que precisamente estes momentos difíceis, em*

que me dou conta de não ter tudo sob controle, me permitem perguntar-me numa forma mais radical do que é que eu preciso para viver. Estes momentos de cansaço fazem-me dar conta, com efeito, de que muitas vezes eu “sei tudo”: por palavras, o acontecimento é conhecido, analisado e premeditado; só há um problema: com todas estas coisas que eu sei, o máximo que arrisco fazer é adiar a plenitude pondo-lhe condições: «Se acontecesse isto, então sim», para depois a adiar cada vez mais. Assim, porém, continua a fugir-me o presente. É nos momentos mais duros que me dou conta do quanto as minhas análises não são suficientes: posso passar dias inteiros a prescrever-me aquilo que seria necessário fazer para não me afogar, mas isto não me liberta. Percebo que aquilo de que eu mais preciso começa precisamente quando terminam as minhas análises, ou seja, quando acontece alguma coisa fora de mim. Estou grato porque há sempre alguém que me volta a convidar para ir “pescar”.

Carrón. É impressionante que uma fórmula tão simples possa ser tão determinante, porque – vejam – a alternativa é muito clara: é a alternativa entre Jesus e os fariseus. Se em vez de irem pescar com Ele os discípulos tivessem ido ter com os fariseus, o que teriam recebido deles? Regras! É aquilo em que voltamos a cair mal nos afastamos de «ir pescar com Ele». É a luta entre dois cenários: ou o cristianismo é alguma coisa que eu construo, com as minhas análises e com as minhas tentativas, ou é uma realidade em que embato. A fórmula «ir pescar com Ele» propõe uma alternativa radical a qualquer tentativa de produzir o cristianismo com a nossa própria coerência e com as nossas próprias tentativas. É um drama, um desafio que nos diz respeito, ainda que todos saibamos que o cristianismo é um acontecimento e o repetimos a toda a hora. Ele diz: «Eu “sou tudo”». É verdade, se vos fizesse um teste, estou convencido que a esmagadora maioria diria que o cristianismo é um «acontecimento». Sabemos isso. E no entanto, ele diz: «Mas depois eu iria sempre adiar a plenitude: “Se acontecesse isto”, “se acontecesse aquilo” e assim o presente iria fugir-me». Jesus oferece-nos um método diferente e muito mais simples, um método que só os simples, porém, reconhecem, como o amigo que se voltou a aproximar do movimento depois de anos, ou o namorado a quem bastaram dois dias para experimentar a mudança no relacionamento com a sua namorada e perguntar-se porquê. É impressionante! Se alguém criasse uma instituição para ensinar como é que uma relação entre rapaz e rapariga pode tornar-se verdadeiramente plena (“cem vezes mais”), haveria fila: quem não o deseja? Mas nenhuma instituição do mundo o pode gerar. Aqui, então, estão a dizer coisas de outro mundo: que alguém, que não participa na vida do movimento, que vai por acaso às férias de uma comunidade, porque a namorada o convida, em dois dias não pode deixar de reconhecer que a relação mudou! Este é o verdadeiro desafio ao niilismo. Abre-se a luta: entre a nossa tentativa, a nossa vontade de nos deixarmos ir, a nossa fragilidade, a nossa cedência ao niilismo («Não é possível»), e o embate em factos que desafiam tudo isto. Depois de ter ouvido estas coisas, cada um tem de decidir, é obrigado a decidir – não decidir já é uma decisão. Aquele rapaz foi ali por acaso, mas depois encontrou uma novidade impensada, embateu numa realidade humana que o provocou a colocar-se uma questão. Reparem que embateu em vocês, que muitas vezes competem para verem o vosso limite, para sublinhar toda a miséria que são: ele faz-vos dar conta do que trazem convosco (daquilo que trazemos connosco). Talvez nos esteja a escapar alguma coisa! Como veem, não é que aquela realidade humana que se chama Igreja, para se tornar interessante, tenha de ser feita por pessoas sem limites: todos temos limites, mas não é este o ponto, porque as coisas que aquele rapaz descreveu aconteceram connosco. Por aqui se vê, de forma evidente, que o testemunho que nós damos de Cristo não se reduz apenas à nossa coerência ética ou ao nosso bom exemplo; ele passa através de todos os limites que temos: algo de novo entrou na nossa vida; nós continuamos a viver na carne, ou seja, erramos como dantes, mas já não podemos tirar de cima de nós aquela novidade que entrou nas nossas fibras; erramos como dantes, mas há alguma coisa que, entrando na nossa vida, gerou nela essa novidade inconfundível. O sinal, como disse o Bernardo em relação ao outro amigo, é que uma pessoa olha para tudo «com um acontecimento no olhar», ou regressa a casa, como contou sobre si, contente por ter ido a Roma ao Papa no fim de semana com mais trânsito do ano. E deu-nos a razão disso. Por que é que é válido o método que Jesus nos oferece? Vê-se pela correspondência ao coração. Jesus não se refere

inicialmente ao facto de que é Deus, mas unicamente à experiência do cêntuplo, ou seja, à experiência da correspondência. «Sigam-me, porque se me seguirem, poderão experimentar a vida cem vezes mais», como aconteceu aos dois namorados. Jesus não faz chantagem connosco de nenhum modo. Dá-nos a razão: o cêntuplo. Com efeito, quando acontece o cêntuplo, uma pessoa pergunta-se o porquê, como foi dito. Não devemos afastar-nos porque a Igreja tem limites: nós seguimo-la porque nela acontece alguma coisa que é mais do que os limites que todos temos.

Paolo. *Faço questão de contar duas coisas das quais saí como novo, graças às quais ficou claro para mim que o método de «ir pescar com o Senhor» é o único que pode verdadeiramente mudar-me. A primeira foi no fim de junho. Fui, juntamente com outros, a Chieti para participar num encontro da comunidade de lá. De repente, acontece o imprevisto: cinco pessoas que não têm nada a ver com CL vêm à Escola de Comunidade. Mas como é que foram parar ali? Há um antes. Quatro das cinco eram estudantes que tinham seguido um curso com um professor do movimento. No final do curso, tinha surgido entre eles o desejo de aprofundar, juntamente com o professor, as coisas que tinham surgido. Daí sai uma proposta: um convívio de estudo de alguns dias. Participam dois terços dos alunos, nove ao todo (trata-se de números pequenos). Quatro deles apresentam-se na Escola de Comunidade. Começa o encontro: oração, cantos, ordem do dia. Os recém chegados olham à sua volta com um olhar inquiridor. A pessoa que conduz a Escola de Comunidade apercebe-se e dirige-se-lhes logo: «Posso fazer-vos uma pergunta? Por que é que estão aqui? Quer dizer, o que é que encontraram de especial, o que é que vos atraiu no professor cujo curso seguiram, a ponto de vos levar a participar no convívio de estudo e a estar aqui hoje?». Nasce daqui um diálogo apaixonante, uns tu-cá tu-lá que se sucedem, prementes: «Ensina de uma forma diferente»; «tem uma forma diferente de se relacionar connosco»; «ao encontra-lo, ficámos mais próximos entre nós». Com os quatro alunos estava também um outro rapaz, namorado de uma delas. Também ele quer responder, ainda que não ande na universidade, trabalha, portanto não foi ao convívio de estudo e encontra-se na Escola de Comunidade apenas porque está lá a sua namorada: «Estou aqui porque vi o efeito que teve na minha namorada encontrar aquele professor e participar no convívio de estudo: não voltou simplesmente diferente ou mudada, mas nova». O diálogo torna-se aceso. «De onde vem aquela forma diferente de viver que provocou esta atração?». «Na minha opinião, na base está uma escolha de vida». «Sim», observa uma outra, «mas ainda que por detrás esteja uma escolha de vida, permanece a pergunta: de onde vem esta escolha de vida? E sobretudo, o que é que a alimenta todos os dias? Porque não basta uma moral kantiana para motivar aquela escolha, nem para sustentá-la todos os dias». Replica um terceiro: «Na realidade, eu ainda não o percebi, quero percebê-lo e estou aqui para isso». Pronto, era isto o sucedido. Eu estava ali a ver isto acontecer e as perguntas surgiam-me naturalmente: mas o que é que está a acontecer a estes jovens? Não será talvez aquilo que me aconteceu a mim? Não será talvez isto o cristianismo? Pessoas atraídas por alguém, por uma presença! E não desejo também eu, agora, compreender quem faz tudo isto, exactamente como tentava percebê-lo no início? Na brincadeira, perguntei-me outra vez, diante daquilo que via: «Mas quem és tu?». Este facto varreu aquilo que eu pensava já saber, ou seja, como é que Cristo me prende. Simplesmente cedi-Lhe, respondi à Sua iniciativa, ao que estava a acontecer, e dei por mim a dizer: «És tu, Senhor». No regresso de Milão, no carro, continuava a ter aquilo no olhar e também entre nós não havia nada a acrescentar, mas um silêncio pleno. Fui dormir “desejando acordar”, como diz a canção. No dia seguinte devia estar morto de cansaço, incapaz de estudar, por causa dos horários do dia anterior; pelo contrário, na manhã seguinte, tudo partiu daquilo que acontecera e encarei a vida de forma diferente, não porque as circunstâncias tivessem mudado, mas porque também eu era novo: tinha sido gerado. A segunda coisa aconteceu nas férias da comunidade. Encontro-me a retomar o texto da Escola de Comunidade com alguns caloiros e uma delas faz uma intervenção muito simples, falando daqueles primeiros dias passados juntos: «Estou feliz, sinto que me querem bem e dou-me conta de que não estou a fazer nenhum esforço, estou apenas a seguir o que me é proposto, aquilo que existe». Ouvindo-a, poderia ter dito: «Já ouvi esta história». Em vez disso, dei um salto na*

cadeira, invejei-a, porque também eu desejo a mesma simplicidade de coração, a mesma pobreza de espírito, a mesma afetividade, e comecei a pedi-la, a mendigá-la. E perguntei-me: «Mas eu acredito que na minha vida há Alguém que me muda, há Alguém que me faz feliz, e não algo que eu penso, alguma impressão minha, ou algum acontecimento particular?». Descobri que é Ele, o Senhor, que, acontecendo, me convence que é «tudo em tudo» (cf. Ef 1,23): não sou eu que devo convencer-me de que é assim. Com menos do que isto, já não consigo viver. A Sua presença torna-se cada vez mais familiar na minha vida, não porque eu saiba cada vez mais sobre ela, mas porque Ele me toma cada vez mais com a sua iniciativa e me convence cada vez mais de que Ele é o Senhor, que é tudo, que só Ele me pode dar uma plenitude, um cêntuplo agora.

Carrón. Responder à iniciativa de um outro faz com que a namorada fique nova; isto espanta tanto o namorado, que ele segue-a e acaba por ir à Escola de Comunidade. É como se voltassem a acontecer os primeiros encontros do Evangelho: Jesus encontra João e André e dali começa tudo, os encontros sucedem-se um após o outro: Pedro, Filipe, Natanael... Não é uma coisa do passado, é o mesmo fenómeno que sucede agora. Assim, Paulo na manhã seguinte «era novo», «partia do acontecimento». Quantas coisas vivemos que não deixam marcas! Pelo contrário, que tipo de mudança terá visto o namorado na sua namorada para dizer: «Estava nova»? Ele não tinha participado em nada, mas tinha visto o efeito que aqueles dias tinham provocado nela: tinham-na gerado. Tinha sido como que concebida de novo, plasmada, era uma criatura nova, devido a um encontro, mergulhada num convívio de estudo. Ou nós eliminamos estas coisas, ou somos desafiados a ir à sua origem. «Mas o que é que vos atraiu naquela pessoa que vos convidou?». Não apenas «uma escolha de vida». Mas, ainda que fosse, «o que é que alimenta aquela escolha de vida que nenhuma moral kantiana consegue gerar?». «Estou aqui para perceber». Como dizia o monge medieval: «A nós aconteceu-nos uma coisa tão grande, que levaríamos toda a vida para perceber aquilo que nos aconteceu». É o mesmo, tal e qual. Encontramo-nos, por isso, diante da mesma alternativa: ou o esforço ou o seguimento; ou a presunção ou a pobreza de espírito, de que falava São Paulo. Perguntava-se depois: «Mas eu acredito que é Alguém que me muda?». Este é o desafio da fé. «Quando Cristo voltar, encontrará ainda fé sobre a terra» (cf. Lc 18,8)? Não pessoas que falem de Cristo, do cristianismo, dos efeitos que o cristianismo produziu, das obras de arte de que a nossa cultura está cheia. Não, a pergunta que Paulo se faz é a mesma que fazia Jesus: «Mas quando o Filho do homem voltar, encontrará ainda alguém que tenha fé, que reconheça que há Alguém, na história, que o muda?». Não pergunta se encontrará alguém bom, porque somos todos uns pobres coitados, mas alguém que ainda acreditará, que reconhecerá a Sua presença. Que contributo nos deu Paulo? Disse: é o reacontecimento de Cristo que nos demonstra que Ele é «tudo em tudo», por isso «a Sua presença toma-me cada vez mais». É a única possibilidade que temos de permanecer na Igreja de Deus. Não estamos aqui por acaso. Se aquilo que foi descrito não acontecesse a cada um de nós, não se teria aguentado com o tempo. Então, antes de olhar para todos as falhas que temos, todas as estupidezes que fazemos, perguntamo-nos: «Mas o que é que me aconteceu para que eu esteja aqui?». Dares-te conta daquilo que te aconteceu começará a gerar uma afeição por ti mesmo, um olhar cheio de ternura por ti mesmo, precisamente graças à estima que Cristo tem por ti. Todos os erros que fazemos não nos impedem de estar aqui. Quem é que se levantou esta manhã pulando de alegria por isso? E quem é que, pelo contrário, se levantou lamentando-se daquilo que lhe falta, de tudo aquilo que ainda não funciona? Paulo levantou-se, na manhã seguinte, determinado pelo acontecimento que lhe tinha sucedido. Como se terão levantado João e André no dia seguinte a terem encontrado Jesus? Como é que vocês se levantam no dia seguinte a terem estado com a namorada ou o namorado? São uns pobrezinhos como antes, mas aquilo que prevalece é a sua presença. O Mistério, para nos fazer desviar o olhar da nossa miséria, dos nossos erros, do nosso kantismo, volta a acontecer na nossa vida. Como no início, com João e André. Eram todos determinados pela mentalidade farisaica naquele tempo, mas Jesus não se deteve nisso e não se lamentou da maldade dos tempos, diz Péguy, cortou a direito, fez o cristianismo (C. Péguy, *Lui è qui*, BUR, Milão 2009, p. 110): fez-se encontro para queles dois, tal como neste tempo tão complexo se faz encontro para nós.

Samuele. *Muitas vezes este verão, relendo os Exercícios, me perguntei em que posição estaria, na alternativa entre ideologia e acontecimento. Olhava-me e dizia: estou bastante sereno, com muitas descobertas feitas, com alguns problemas, com feridas, mas tudo somado, estou bem, não tenho nenhum drama que não me deixe dormir à noite. Além disso, o verão já não foi, como noutros anos, o momento da dúvida, no qual, deixado mais ou menos sozinho, dava comigo a pensar e entrava em tilt, em loop. Este ano dei-me conta, com espanto, que pouco a pouco os pensamentos já não prevalecem sobre a experiência.*

Carrón. «Os pensamentos já não prevalecem sobre a experiência». A realidade é maior do que a ideia, diz o Papa. A experiência é mais poderosa do que os pensamentos. A única coisa que nos liberta dos nossos pensamentos é um acontecimento, qualquer coisa mais real do que os nossos pensamentos.

Samuele. *Isto aconteceu graças a várias coisas este ano, mas sobretudo graças à responsabilidade, não tanto como coisas a fazer, quanto como possibilidade de estar em contacto com um nível de vida, um uso da razão, uma inteligência da realidade, que vejo explodir em ti, mas também em tantos jovens.*

Carrón. Espero que, para todos a quem é pedida, a responsabilidade seja isto: não o acrescentar de mais um peso, mas a oportunidade de ver aquilo que Cristo faz. Vamos visitar os amigos de outras comunidades, vamos à Escola de Comunidade, participamos num gesto, só para O ver em ação. Por que é que vale a pena vir aqui? Onde é que, em todo o mundo, está a acontecer uma coisa como esta que estamos a ouvir esta manhã? Onde? Se encontrarem um outro lugar mais interessante vão lá! Depois contam-me.

Samuele. *Pouco a pouco, quase por osmose, para usar um termo conhecido, tudo isto se está a tornar o meu dia-a-dia, entre batalhas e conversas diárias, ano após ano, não sem dificuldades e quedas, porque é muito atraente, e ao mesmo tempo muda-me, quase sem mim, sem que eu me dê conta, mas na realidade comigo, através da minha liberdade, levantando a fasquia do meu desejo e do meu olhar sobre as coisas quotidianas. Percebi que só preciso de uma coisa para viver: a Sua presença real, Cristo que acontece no presente através de factos tangíveis. Cristo que acontece restitui aquilo que sozinhos não conseguimos dar-nos, a plenitude e ao mesmo tempo o desejo d'Ele, aquela ferida sem a qual nada fala, tudo se cala. Viver com a Sua presença em nós, na carne, é mesmo uma outra vida.*

Carrón. Acabamos aqui. Mas volto a lançar-vos uma pergunta: o que aprenderam de novo esta manhã? Porque aqui não nos limitámos a contar factos. Deixo-vos com esta pergunta e espero-vos no portão, para ver se estivemos atentos para entender aquilo que o Mistério nos deu através dos que entrevistaram.